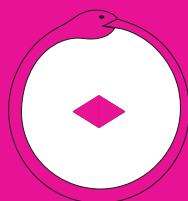
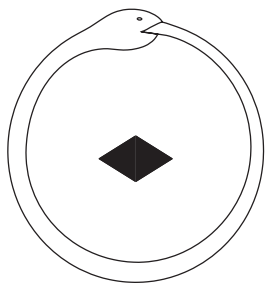


NAVE GAIA

Antonio Nobre e Ailton Krenak



cadernos
SELVAGEM



NAVE GAIA

Antonio Nobre e Ailton Krenak

Desta vez, a nave se formou no dia 5 de março de 2021 para receber esse diálogo tão importante, falado em português, com tradução simultânea para o inglês.

Na abertura ouvimos um canto por Carlos Papá e Cristina Takuá.

ANTONIO NOBRE: Gostaria de começar contando um pouco sobre a conversa que tive ontem com o Ailton, e foi uma surpresa para mim, em ver como nossos mundos se cruzaram há um bom tempo, desde que éramos muito jovens. Recentemente, li uma entrevista concedida pelo Ailton, na qual ele contava a história da expulsão de sua família das terras em Minas Gerais e para o lugar em que ele foi depois, onde nasci e vivia, que é a região metropolitana de São Paulo.

Passei a maior parte da minha infância e adolescência dentro da Mata Atlântica, em um sítio em Embu das Artes, na zona periférica da grande metrópole de São Paulo. Lá, eu dormia com o barulho das corujas, dos grilos. Não tinha cultura, mas havia esse contato. Meu bisavô, Mané Nunes, era indígena. Ele saiu de uma tribo na Bahia e casou com minha bisavó, que era negra e quilombola. Eles vêm do lado do meu pai. Tenho 1/16 de sangue indígena, mas isso não aparece em minha fisionomia, porque a outra metade inteira é europeia e veio da Itália. Mas, o que me tocou de maneira muito peculiar foi sentir essa proximidade, essa conexão, via floresta. Não tive fogueira com a transmissão do saber ancestral. De certa forma, na minha cultura fomos educados pela televisão. Mas eu tive a floresta. Depois, fiquei sabendo que o Ailton frequentou as cercanias de Parelheiros e do Pico do Jaraguá, que dava pra ver lá do nosso sítio em Embu. Os povos indígenas que viviam ali, os Guaranis, tinham essa conexão. Meu irmão mais novo, que era guia de ecoturismo, começou a interagir com eles. Descia a serra, o contraforte da Serra do Mar coberto pela floresta e me relatava. Eu não tive contato direto, mas ele tinha. Essa proximidade de origem é surpreendente. Até alguns dias atrás eu nem sabia que ela existia.

Eu imaginava o Ailton como muita gente imagina, na aldeia, no meio da Amazônia. No caso, ele é de Minas Gerais. Mas, a imaginação nos leva sempre àquela situação do indígena distante, remoto. Surpreendi-me ao saber o quanto estávamos próximos. Quando era adolescente, despertou em mim uma vontade muito grande de lutar pela proteção da natureza. Inspirei-me muito pela militância do José Lutzenberger, que foi um ambientalista gaúcho que marcou a história. Lutamos contra a construção de um aeroporto em Caucaia do Alto, que era uma região de Mata Atlântica que seria destruída, um manancial para São Paulo. Foi ali que comecei o ativismo, que mais tarde me levaria à ciência e a atuar na Amazônia. Então, todo esse ambiente está em volta da maior metrópole da América do Sul, e, no caso, do contraforte da Serra do Mar, essa floresta pristina aí ao nosso lado.

Estudei em São Paulo, mas, cresci dentro da floresta. Hoje posso dizer que tive inspirações a partir daí. Depois, passei vinte anos na Amazônia, já atuando como cientista e morando em uma outra metrópole, um décimo de São Paulo, que é Manaus. Mas, todo o tempo estava dentro da floresta, e foi aí que tive esse privilégio de conhecer, com um pouco mais de profundidade e contato, os povos indígenas amazônicos.

Sou um dos sócios do ISA – Instituto Socioambiental, então, tive muita conexão na militância. O encontro com o Ailton, que considero meu irmão, meu parente, é realmente abençoado no sentido de que tem energias iluminadoras. Ontem participei de uma longa live com físicos e matemáticos sobre assuntos acadêmicos: a formação de chuvas na Amazônia, o funcionamento da atmosfera... E saí com a cabeça bem cansada. Aí, conversei 20, 30 minutos com o Ailton, e, só de escutá-lo, me passou uma energia de calma, de paz e de conexão. Senti-me em contato, deitado em Gaia. Senti que toda aquela intensidade intelectual que estava me ocupando naquele momento foi evaporando. No final dessa “terapia” com o Ailton, eu já me percebia em um outro nível de cognição. Acho que em sua narrativa, ele propicia filosofia, poesia e espiritualidade. Ailton tem escrito sobre *Ideias para adiar o fim do mundo*, *A vida não é útil*, dois livros maravilhosos, que estão agora nas paradas de sucesso, com alta popularidade. O que os povos indígenas podem doar, e vêm doando ao longo dos anos, é um segredo não apenas para adiar o fim do mundo, mas

para que essa civilização se reencontre com sua natureza perdida, com o divórcio que ocorreu entre uma atividade intelectual muito desenvolvida e o coração, o corpo e a natureza, que ficam oprimidos nesse processo.

AILTON KRENAK: Foi muito providencial você trazer pra quem não conhece, o fato de que a nossa maior metrópole brasileira está imersa na Mata Atlântica. São Paulo só existe dentro da Mata Atlântica. Inclusive, o planalto. Aquela chuva maravilhosa, a umidade, a atmosfera agradável. Os paulistas antigos tinham neblina, tinham *fog*. Ora, onde foi parar aquela neblina? A neblina foi embora quando tiraram a Mata Atlântica. A Mata Atlântica era o fabricante de neblina. Essa Mata Atlântica para a qual nossos parentes Guarani cantam. Cantam para essa maravilha, porque ela cria uma atmosfera tão boa. O amanhecer é coberto por neblina. Só que é uma neblina saudável, não é uma neblina doente. É uma névoa. Aquela névoa, para os antigos aqui da nossa aldeia, era considerada um remédio. De madrugada, os pais colhiam aquela névoa em uma vasilha pequena e davam aquela água da névoa às crianças. Era uma vacina. Olha que coisa maravilhosa: essa metrópole tinha uma vacina na atmosfera, doada pela Mata Atlântica. E destruíram noventa e tantos por cento dessa cobertura florestal. Óbvio que a doença entrou. Tirou a proteção, tirou a vacina. Imagina que coisa transcendente, aquela vacina de graça, que Gaia ficava ali oferecendo para seus filhos. Nossos parentes Guarani consideram a névoa da Mata Atlântica como uma medicina. Esse entendimento se relaciona com o dos rios voadores, esse evento climático que vem de lá dos Andes, que o Antonio Nobre ajudou muito a divulgar. O que sai dos Andes, na verdade, é só uma névoa. É quando aquela névoa encontra o calor da floresta, que gera densidade e vem trazer chuva para o Sudeste - inclusive, para os paulistas, que já jogaram a névoa da Mata Atlântica e agora dependem daquele “Rio Voador”, que vem de longe. Se não despertarmos para essas perdas, para essa erosão, vai chegar uma hora que não vai ter mais “Rio Voador”. O “Rio Voador” vai cair no meio do caminho, e não vai chegar onde as pessoas anseiam tanto por ele.

ANTONIO NOBRE: De fato, quando eu era criança, São Paulo era a “terra da garoa” – ou da neblina. Eu nasci em uma região muito próxima

à Serra do Mar, chamada Santo André. É uma parte do ABC Paulista. E lá, a gente não via o céu, pois era o tempo todo a névoa, que vinha da Mata Atlântica. Depois, onde morei no Embu, que é um pouco mais removido do contraforte da Serra do Mar, não era tanta neblina. Mas era muito confortável, como o Ailton bem falou. A floresta e a Mata Atlântica nos davam esse conforto. É muito curioso. Até escutar o Ailton falar sobre isso, não tinha feito essa ligação. É um trabalho que eu viria a fazer muitos anos mais tarde – décadas, na verdade – sobre os rios voadores, para popularizar esse transporte de umidade, essa imaginação da floresta funcionando como uma bomba: ela puxa a umidade do oceano para dentro do continente. Em algumas partes da Amazônia, quando estamos no meio do período seco, diferente do que você vê no pote com uma planta, que se não colocar água ela murcha, as árvores na Amazônia doam vapor e umidade para o ar, durante o período seco. Elas fazem algo que é não-intuitivo. Você imagina que a planta vai fechar os estômatos, não vai transpirar durante a seca, porque ela poderia morrer. Mas existe ali, ao colocar umidade no ar, um mecanismo fundamental na natureza, que é a generosidade. Ao fazerem isso, as árvores criam umidade suficiente na atmosfera para formar as nuvens. Estas, quando o vapor se condensa, baixam a pressão sobre a Amazônia e produzem uma sucção. Essa sucção é o que gera os rios voadores, que promove esse fluxo do Oceano Atlântico para dentro do continente.

Então, é interessantíssimo ver que na natureza opera o mecanismo da colaboração, da generosidade. Uma árvore atua no princípio da absoluta generosidade, pois tudo o que ela oferece são serviços para todos os outros seres. Inclusive, para outras árvores, a jusante no rio aéreo, quando este flui da Amazônia, fazendo esse percurso que o Ailton descreveu. O Acre, onde o vento faz a curva ali próximo dos Andes, recebe esses ares frios que vêm dos Andes e produz essa corrente aérea, muitas vezes invisível, mas extremamente essencial para funcionar tudo o que está rio abaixo.

Quero trazer uma comparação da minha origem europeia. Na Europa, tinha muita floresta nos milênios antigos. Por alguma razão que não nos cabe analisar agora, os europeus – principalmente do Oeste – desmataram sem pagar o preço por terem desmatado. Hoje em dia,

descobrimos que as florestas da Rússia e da Sibéria têm um papel importantíssimo nos rios voadores da Eurásia, que promoviam a umidificação de toda essa região da Europa do Oeste, do Leste e Central.

O que está acontecendo agora é o seguinte: em 2017, a Rússia foi o país que mais desmatou no mundo. Então, estão cortando florestas na Rússia para os chineses fazerem papelão e embalagem de produtos de consumo. O clima da Europa está mudando. Só que lá atrás, há 500 anos, quando os europeus vieram para cá, eles tinham desmatado suas terras de origem sem pagar o preço que o desmatamento implica, que é a desertificação. Aí eles chegaram aqui na América do Sul, e uma parte importante deles chegou na porção Leste da América do Sul, onde estava essa floresta maravilhosa, a Mata Atlântica – um milhão e meio de quilômetros quadrados de Mata Atlântica – e saiu cortando tudo. Diria que mais de 97% da Mata Atlântica desapareceu. E logo no começo, tinha o pau-brasil, que foi levado para fazer tintura na Europa, desmataram tudo. Dali vem o nome desse país também. Tem uma relação muito importante aí.

Em seguida, o que aconteceu foi que perdemos essa neblina, esse conforto local, mas assim como os europeus do Oeste, não pagamos o preço que teríamos pago se não houvesse a Amazônia. No caso da Europa, foi a Rússia, foram as florestas russas, que começaram a ser desmatadas mais intensamente recentemente. No nosso caso aqui da América do Sul, foi a Amazônia. A Amazônia proveu a “costa quente”, ou seja, a proteção. A floresta Amazônica e seus rios voadores eram os padrinhos que impediram a região Leste da América do Sul, toda destruída, de virar um deserto, uma zona árida.

Na realidade, é uma coincidência infeliz. Porque hoje você vai na fronteira agrícola da Amazônia e encontra pessoas de olhos azuis, de cabelos loiros. Grande parte deles são europeus que vieram do Sul do Brasil. E com essa cultura, essa ideia de que podem desmatar porque não há consequência. Chegaram aqui e começaram a desmatar. Desmataram o Rio Grande do Sul, depois se moveram. Quando eu era criança tinha Peroba aqui, todo o madeiramento de telhado de casas, tudo era feito de Peroba, uma espécie da Mata Atlântica, principalmente do Paraná. Tudo destruído. Aí foram subindo, Espírito Santo, Bahia. Acabaram com o

Jacarandá da Bahia. A Amazônia do Leste já está praticamente destruída, e agora estão entrando na Amazônia Oeste, o último resquício. Vão encostar nos Andes, não vai sobrar nada. Ao conversar com essas pessoas, o que você vê? A mesma mentalidade do europeu que veio de lá há 500 anos. Viva, cultivada, ativa. “Não, como assim? Precisamos nos desenvolver, precisamos tirar essa floresta, isso é um atraso.” Essa mentalidade vem daquele tempo.

A história do Lobo Mau e da Chapeuzinho Vermelho vem daquela cultura, que se transpôs para cá. O Lobo Mau porque nas florestas da Europa tinham alcateias de lobos e as crianças pequenas podiam efetivamente ser atacadas por estes. Então, a história do Lobo Mau e da Chapeuzinho Vermelho era daqueles povos que queriam proteger seus filhotes, para que eles ficassem com medo e não fossem para a floresta. E essa mentalidade do Lobo Mau veio para cá: se você tem uma floresta fechada, há risco, há perigo, há situações ameaçadoras. Pelas minhas peregrinações na Amazônia – não tive a fortuna que o Davi Kopenawa teve e outros indígenas que viveram dentro da floresta, nasceram e cresceram nela – mas me lembro de um professor, um australiano, no meu curso de mestrado, que nos forçou a pegar cobra na mão, nos forçou a mergulhar no igarapé, entrar dentro da toca do jacaré.

Lembro que tínhamos muito medo, é claro. O desconhecido, os animais peçonhentos, o jacaré. Lembro que quando entrei nessa toca, estava com uma lanterna subaquática e não vi nada. Aí, voltei e falei para o professor Bill Magnusson, do INPA, lá de Manaus: “Bill, não tem nada”. E ele respondeu: “Você está com medo. Tem que ir até o fundo da toca.” Aí fui de novo, e passei um facho de luz. E de repente vi duas pérolas laranjas. A boca do jacaré estava quase encostando na minha bochecha, e o bicho quieto. Acho que ele estava mais assustado que eu. Depois, o professor explicou que debaixo d’água, ele não abre a boca. Se está próximo da superfície, ele abre. Mas o jacaré consegue ficar até 5 horas sem respirar. É um animal de sangue frio. Não é como os outros.

Nessas experiências de dormir na floresta nos estudos, fazíamos aqueles acampamentos temporários, colocávamos as redes e à noite escutávamos os bichos: paca, cotia, anta e até onça.

Ao longo dos anos, fui percebendo que muitas daquelas histórias e crendices acerca de onças, cobras, piranhas, não eram dos indígenas.

Eram dos caboclos. Tinha muita coisa de pessoas que se agregaram, que chegaram na Amazônia muito tempo depois dos originais. Já nadei em um rio que tinha muitas piranhas, via elas passarem por mim e não me atacavam. Já encontrei uma vez uma onça. Ela coçou a barriga com a pata traseira, meio sem graça, como um cachorro faria. Aí, ela olhou assim, virou e foi embora. E eu também, virei e fui embora para o outro lado. Porque a gente precisa também respeitar o oponente. Mas eu tinha vontade de abraçar uma onça. Sei que elas não têm o bafo muito bom, mas comecei a sentir esse amor de imersão.

Quando eu estava na floresta, andava de sandália. Porque aprendi com esse professor, o Bill Magnusson, que você quer sentir o toque. Quando você ama uma pessoa e interage com ela amorosamente, você não a ama de roupa, né? Você tira a roupa para sentir o toque, sentir o contato. Era o ensinamento desse professor, que não era indígena, um australiano que tinha uma paixão, um amor muito grande pela floresta.

Comecei a desenvolver um senso que não é muito comum. Ando em uma trilha e recebo um alerta se tem algum animal que é peçonhento. Por exemplo, estou andando e parece que toca uma buzina dentro da minha cabeça. Aí, eu paro e vejo que tem uma surucucu atravessando na trilha. Aí eu falo “sai, cobrinha” e a cobrinha sai. Nunca tive medo da floresta. Sempre senti que a floresta me abraça. Ela é como se fosse um útero. Dá uma sensação de aconchego, de abraço. Tem animais peçonhentos? Tem. Tem cobra perigosa? Tem. Mas quando a gente se entrega para Gaia, nossa parte sensorial se desenvolve ao ponto de começar a ter essa capacidade que não me foi dada na educação. Nem tive a oportunidade de desenvolvê-la na primeira infância, como muitos indígenas têm. Pois é uma familiaridade para eles, que estão crescendo naquele meio, sem ninguém falando do Lobo Mau, ou que a floresta é ameaçadora e perigosa. Sim, você tem que tomar cuidados, e alguns cuidados são automáticos, fazem parte do metabolismo da sua interação com a floresta. Esse foi meu amadurecimento tardio, de alguém que não teve a educação indígena, mas teve a oportunidade de, em contato com os indígenas, absorver isso. Queria poder compartilhar essa sensação com todas as pessoas. Inclusive com os fazendeiros, que estão lá com medo do Lobo Mau. Gostaria que eles pudessem ter essa experiência de interação com a grande floresta e com as sabedorias ancestrais.

AILTON KRENAK: Foi bom lembrar que em várias regiões do planeta, a mudança que causamos na superfície do corpo de Gaia ao retirar as florestas é um evento profundamente marcado pela cultura, pela memória milenar. Talvez tenhamos 2 mil, 3 mil anos de alerta de que precisamos nos proteger em relação à Terra. Esse dano que a experiência cultural foi calcando em diferentes culturas precisa ser reconhecido. Não só saber que aconteceu, mas reconhecer. E para reconhecer, precisamos atuar no interior do ambiente cultural de maneira crítica. Não dar continuidade a isso, não passar isso para nossos filhos, não reproduzir isso na nossa relação uns com os outros. Gostaria de lembrar que em diferentes períodos da história, o organismo de Gaia tem se restaurado dos danos que causamos a ele. Gaia tem essa lembrança do amor incondicional por nós, suas partes, suas constituições. Porque não estamos fora dela, estamos dentro. Alguns amigos nossos, cientistas do campo da biologia e dos estudos botânicos, têm observado a grande teia de regenerantes de Gaia espalhada em diferentes ecossistemas, como nos oceanos ou nas montanhas. Fabio Scarano traz a viagem de uma planta, que durante muito tempo se desenvolveu numa paisagem de altitude, numa serra, e com o passar do tempo, migra de um ponto alto para a restinga, na beira do mar, fazendo seu trabalho de regenerante de Gaia.

Ontem, conversando com o Antonio Nobre, falamos sobre como a mente consegue produzir não só narrativas que nos afastam dessa ontologia de um organismo vivo, resiliente, autorregenerante. Mas, além disso, a mente também nos põe distante da Terra, imprime a ideia de que se houve um tempo em que poderíamos estar misturados à Terra e essa experiência passou. A própria ciência nos alertou sobre a existência de micróbios, de vírus, da possibilidade do contato com algum ambiente da Terra que possa trazer contágio aos humanos. Isso é uma coisa que só a cabeça pode produzir, porque a Terra é saúde para esse corpo. Esse corpo é poro do organismo da Terra. Esse organismo Terra somos nós mesmos. Não vamos adoecer com ele, vamos nos regenerar com ele.

Tenho observado que, como flechas cruzando o espaço, os diálogos que estabelecemos com pessoas como o Antonio Nobre, o Fabio Scarano, o Jeremy Narby e o Emanuele Coccia, são visões regenerantes de Gaia porque elas difundem um tipo de conhecimento e experiência que

o senso comum tem medo. O senso comum prefere passar ao lado da ideia de que Gaia é um organismo vivo, que os rios voadores estão ali e que podemos perceber sua existência real. Que a neblina que vem da Mata Atlântica é medicina, e que tudo o que precisamos como regeneração da vida a Terra proporciona.

O Antonio disse que preferia andar só de sandália, em vez de andar de bota na floresta. Andar de bota na floresta é a pior escolha. A maioria das pessoas que conheço que vive na floresta prefere andar com o pé no chão mesmo, descalço. É claro que depois do contato cultural essa ideia se torna mais atraente, as pessoas querem botar algum adorno. Imagine a possibilidade de pegar um punhado de terra e botar na boca. Qualquer coisa que tenha na terra, qualquer matéria que esteja nela e não seja saudável para você botar na boca, é um produto nosso. Nós produzimos, sujamos a Terra e ficamos com nojo dela. A terra não produz nada que vá fazer mal para nós. Toda a criança gosta de pôr a mão na terra e em seguida na boca. E ela faz isso com uma sabedoria orgânica, com a sabedoria que ela herdou desses mesmos ancestrais que saíram por aí produzindo histórias como Chapeuzinho Vermelho, ou histórias de que podemos devastar esse planeta, pois estamos indo para outro lugar.

Semana passada fiquei impressionado ao ouvir a oferta de um magnata chinês, que estaria associado a um projeto de instalar um SPA em Marte. Ele já tem até o *design* desse projeto que receberia pessoas para passar uma temporada em Marte. Ainda dizem que lá teria lanchonete, boate, clube e academia. Fiquei imaginando por que alguém sairia de um lugar maravilhoso como a Terra para frequentar um SPA em Marte. De onde pode vir um desejo desse? Que abismo sensorial é esse que alcançou alguém que quer fazer uma viagem para passar um tempo em um SPA em Marte? É uma curiosidade extravagante que me faz lembrar de um livro chamado *Crônicas Marcianas*, que ganhei da Débora Danowski, escrito por Ray Bradbury.

O autor viveu todo aquele período Flash Gordon, de viagens espaciais, que influenciou muito a cultura global, mas principalmente os Estados Unidos, onde a ideia de habitar outros planetas ainda é um verdadeiro delírio. *Crônicas Marcianas* tem várias histórias que acontecem em Marte e todas são apavorantes, piores que filme de terror. Não sei por

que tem gente que quer sair desse paraíso terrestre para ir fazer uma experiência em Marte.

Ao longo da pandemia, o mundo tem investido muito nessa ideia de Marte, esquecendo que essa Terra maravilhosa nos deu tudo o que a gente precisou para existir até agora, mesmo no período de história humana que não somos capazes de reportar com fidelidade, há 10, 20 mil anos atrás. A prova é que estamos aqui. Gaia nos embalou, nos botou para dormir e nos despertou de manhã, seja com um céu esplêndido, com as ondas do mar ou com a névoa e o gelo. Temos ambientes terrestres de uma beleza tão grande, que só isso já deveria despertar em nós o que o Antonio chama de “amor incondicional”. Acho que é difícil para a mente objetiva, materialista, entender que podemos experimentar um sentimento de amor incondicional à Gaia e a tudo que existe em seu organismo. É uma poesia que não cabe em uma equação.

Compartilhar o mundo e ideias com cientistas que sabem que a vida sempre nos surpreende. Mesmo que a gente se dissocie dessa experiência ancestral de celebrar a vida na Terra, o organismo de Gaia é autorregenerativo e vai nos dar função de autorregenerante também. É uma ideia que me ocorre com uma alegria muito grande, de saber que, mesmo que alguns queiram dar o pé daqui, esse organismo de Gaia tem tanta compaixão, que ele é capaz de nos fazer voltar pra casa e cumprir essa função regenerativa também dos outros seres. Porque nós somos apenas uma espécie no meio de bilhões de espécies que constituem o organismo de Gaia. Fico maravilhado quando penso na infindável potência de produzir vida que esse planeta Terra, também chamado de Pachamama, Gaia, ou milhares de outros nomes, tem.

Estamos vivendo a experiência das mudanças climáticas e da pandemia, dois eventos que ao se cruzarem, podem nos obrigar a fazer essa declinação, a entender que os humanos precisam baixar a bola e ouvir a polifonia das vozes de Gaia. Fico muito feliz em ter uma interlocução com alguém como Antonio, que está o tempo inteiro atento à possibilidade do coração e do intelecto atuarem em harmonia. O que devemos evitar é justamente ser só uma cabeça, sem um coração.

Em uma ocasião, um amigo que viajava comigo tinha o costume de fazer a devoção dele botando a cabeça no chão. Ele me disse “Tem

um provérbio que diz que nossa cabeça só fica abaixo do coração quando fazemos essa oração”. Nessa posição, o coração pode ficar acima da mente. Experimente de vez em quando deixar seu coração ficar acima da sua mente.

ANTONIO NOBRE: Efetivamente, a sede do intelecto é a parte mais distante da Terra. Por muito tempo, me debati recebendo um treinamento intelectual bem objetivo, que é a formação científica. Tem muitos testes ao longo do caminho, você passa por muitos crivos. E se você é uma pessoa que tende a não ter essa parte intelectual predominante, você possivelmente não chega lá. Você não passa nos crivos e é selecionado para fora daquela comunidade de seres pensantes. E me debatendo com a origem, com essa conexão que tive com Gaia da infância na Mata Atlântica, vendo aquele modo estéril, pouco emocional, muito cartesiano e racional de ver o mundo, percebi essa desconexão.

Comecei a pesquisar o que aconteceu. Por que a ciência tende a ser materialista e reducionista? Voltando na história, descobri dois fatos muito relevantes. O primeiro deles é que a ciência e a tecnologia são as filhas bastardas da Inquisição. Não foi o amor que criou a ciência e a tecnologia. Foi uma indignidade de quem dominava o campo das religiões – no caso, o Império Romano. O que foi feito naqueles séculos contra as mulheres e os nativos, foi de uma atrocidade indescritível. Aquilo levou almas livres, de livre-pensar, a se rebelarem.

Então, surgiu o Renascimento, e com ele nasceu a revolução científica e tecnológica. Podemos buscar figuras históricas, como Francis Bacon e Descartes. Depois, todos que vieram nos séculos subsequentes, como o Iluminismo, que trouxe essa racionalidade estrita para uma explosão supernova. Porque reduzir produzia resultados. Reduzindo, foi produzido o microscópio, e então se conseguia ver os micróbios. Reduzindo, foi possível fazer uma máquina a vapor para se deslocar. Esse reducionismo foi estimulado como se fosse uma bola de neve, no sentido que você faz um pouco daquilo e aquilo lhe enche o ego, o senso de realização, de *accomplishment*.

Isso fortalece demais aquele lado que se divorciou da espiritualidade lá atrás: o lado intelectual, o cérebro restrito. O primeiro efeito foi esse

divórcio da filha bastarda da Inquisição. Porque a ciência existe desde sempre, em todos os povos. Na China, há 5 mil anos, eles estavam inventando a pólvora para fazer fogos de artifício – e não a guerra. Estavam inventando o macarrão, o vidro, e tantas coisas que vieram da sociedade chinesa. Depois os árabes, os gregos, os sumerianos, os povos dos Andes, todos os povos daqui do Brasil.

A ciência sempre existiu, mas ela não era divorciada da espiritualidade, nem do sutil. Era um todo. Era um integral. Era um holístico. Essa brutalidade que ocorreu, principalmente no continente europeu, produziu esse efeito de nascimento a fórceps da ciência e da tecnologia, que era uma revolta contra a indignidade. E produziu um segundo efeito, que eu considero igualmente tenebroso, que foi esse novo empreendimento da ciência, que era livre daquela agressão, daquela brutalidade que dominava o âmbito da Inquisição. Ela surge com o dogma de que o que não foi provado, não existe. E o que aconteceu com os saberes ancestrais, milenares? Foram jogados no campo do paganismo. Pela Igreja, o paganismo já era algo que vinha do mal, com demônios, etc. Quando os missionários vinham tentar converter os indígenas, era para livrá-los desse paganismo. E à ciência moderna, que não chamava de pagão, ela deixou a Terra inóspita. Porque chegava algum sábio indígena e falava “Olha, não. Não é assim que se faz” e eles respondiam “Tá provado? Tá publicado sobre isso? Não? Então não existe.”

Durante todos esses séculos, esses dois efeitos: um, o empreendimento que buscava o saber através de um mundo cada vez mais ampliado, mas cada vez menor, porque tudo começou a ser fragmentado. Esse mundo levou a cognição a se embotar, (a sabedoria) foi encapsulada dentro de um mundo muito pequeno e as fronteiras desse mundo transitavam para os territórios proibidos, que eram os territórios da espiritualidade, da religião; a segunda coisa foi perder toda a sabedoria milenar porque ela não tinha sido provada.

Recentemente, fiz um exercício com o Davi Kopenawa, que escreveu o livro *A Queda do Céu* com o Bruce Albert. Peguei uma parte só daquela sabedoria toda e fui buscar um rebatimento na ciência. E encontrei que a ciência autentica tudo o que a sabedoria dos Yanomami tem em relação ao céu, às chuvas e ao funcionamento da atmosfera.

O saber que tem esse fundamento, – que agora, depois de cinco séculos é comprovado pela ciência – ficou sem proteção nenhuma. Agora temos como ir lá e trazer isso. Tudo o que o Ailton falou acima, podemos achar um rebatimento na ciência. Porque ela foi, andou, andou, andou e chegou no mesmo lugar. O Davi Kopenawa um dia estava falando “O Antonio, ele é que nem um tatu: está cavando a terra.” Na hora, fiquei chocado, porque essas verdades são como o sincericídio das crianças. Mas, ele estava falando uma verdade. Porque o que você faz quando cava a terra? Você faz um buraco. O tatu faz um buraco para criar um túnel. Quando ele entra no túnel, sua visão fica restrita. É um lugar de proteção, mas é um lugar de limitação ao mesmo tempo. Então, cavar a terra, é o que o cientista faz, de buscar evidências. Ele não senta e espera a inspiração chegar. Ou a parte sensorial dizer. Sabemos que existe a intuição, mas ela não tem credência na ciência. Na ciência, você tem que ir lá com um martelo e uma talhadeira, quebrar, bater, esmerilhar e arrancar da natureza o saber. Seja isso em qualquer disciplina, essa é a tendência da ciência.

Chegando aqui nessa sua narrativa maravilhosa, eu diria o seguinte: já passou da hora, estamos atrasados no trabalho de voltar 500 anos e consertar essa trombada histórica que foi o divórcio entre o empreendimento do saber e do conhecimento, a ciência, e a espiritualidade. Não quero deixar aqui uma mensagem que fala mal da Igreja Católica, porque hoje, o chefe maior da Igreja Católica é uma das pessoas que mais respeito. É brilhante o trabalho que o Papa Francisco está fazendo, de chamar e clamar às pessoas para reconectarem o coração com o intelecto. Com o advento da *internet*, das redes sociais, existe cada vez mais uma dedicação especial, principalmente dos adolescentes, às telas. Tela do celular, tela do *ipad*, tela do computador. Telas. Isso entrou de uma maneira tão poderosa.

Há alguns anos, a convite do ISA, estive na reserva do Xingu junto com o Benki Ashaninka dar um curso lá. Todos os habitantes daquela área tinham celular. Não tinha nem antenas grandes lá, mas todo mundo tinha celular. Todo mundo tem hoje, é muito raro alguém não ter. Tem mais celulares no Brasil do que pessoas. Essa é uma realidade que não podemos mais escapar.

Tenho visto muitas culturas indígenas aprenderem isso já há muito tempo: usar a tecnologia em prol da causa da preservação cultural, como os filmes feitos em aldeias por indígenas mesmo. Hoje estamos com essa realidade da *internet*. Noto que muitas vezes estou atento a algo, com o intelecto muito ativo, principalmente o consciente no pré-frontal, que é a parte bem pequena de toda a atividade cerebral (menos de 2%, segundo os neurocientistas). Quando estou com a atenção total focada, me esqueço de comer, me esqueço de ir ao banheiro, me esqueço da mãe-corpo. Essa é uma hipertrofia aberrante dessa estrutura que chamamos de intelecto. O corpo provê ao intelecto sangue com açúcar, oxigênio, todos os nutrientes, limpa o lixo das células que estão no cérebro, bilhões de células trabalhando para que o cérebro-aura obtenha essa operação dele a partir da mãe-corpo. Imagina uma onça, uma paca, um urso, uma girafa, esquecer de comer, esquecer de ir ao banheiro, prejudicar seu próprio metabolismo.

Fiz essa comparação entre essa desconexão do intelecto, essa estrutura que faz pensamento abstrato chamado de objetivo, que é desconectada. Agradeço ao Ailton por trazer com tanta conexão essa poesia, essa colocação dessas duas estruturas cognitivas: o intelecto e o coração. Porque, diferente do intelecto que obteve essa capacidade hipertrofiada de pensamento abstrato, que consegue fazer matemática, códigos, e esquecer do próprio corpo, o coração irriga todas as células do corpo. O coração não é só uma bomba, é um órgão cognitivo também. Já se descreveu um tecido de neurônios bastante desenvolvido no coração. E qualquer pessoa que tem coração sabe que o coração é uma estrutura cognitiva, que tem uma capacidade de compreensão. Diferente do intelecto que funciona como uma faca, que corta a realidade em fatias e pedaços, o coração une. É uma propriedade intrínseca do coração a cognição que conecta, que une.

Quando o Ailton fala comigo, o intelecto começa a ficar impaciente. Porque ele fala lento, ele tem toda essa transmissão. Mas daqui a pouquinho, desligou meu intelecto. Ou pelo menos desligou essa hiperatividade. E aí vem um calor no peito. Escutando o Ailton, sinto um calor no peito. Compreendi que isso é a conexão do coração do Ailton com o meu. E essa conexão faz com que eu absorva do calor do Ailton

diretamente, sem mediação. Sem ter que usar a faca do intelecto, que vai cortar o que o Ailton está falando e interpretar. A lógica é imanente. Ela faz parte dessa nossa conexão com o coração. E não só com o Ailton. É uma conexão totalmente derivada, que se multiplica, e nos liga com Gaia.

Tem uma fotografia maravilhosa feita pelo pessoal da Universidade de Oxford que mostra os continentes e a fotossíntese, feita com imagem de satélites. Mas eles foram muito criativos em colocar uma animação, onde cada quadro mostra o tamanho das unidades, dos *pixels*, de acordo com a importância relativa daquele ecossistema para todo o planeta, em relação ao que o planeta inteiro está fazendo, o que Gaia está fazendo. Você vê os ecossistemas pulsando, você vê os continentes pulsando como se fossem um coração. Exatamente como um coração. Essa conexão do coração e da cognição, harmonizada com a compreensão intelectual também – ou pelo menos o intelecto ficar um pouquinho mais abaixo do coração, como o Ailton nos sugeriu – facilita demais o nosso retorno como sociedade.

Para passar de novo a bola para o Ailton, gostaria de introduzir o começo da conversa que tivemos ontem. Tenho escutado as pessoas falarem que os povos indígenas são excelentes guarda-parque, excelentes protetores da floresta. E são, efetivamente. Onde tem florestas indígenas, o processo destrutivo é muito menor ou inexistente. É parte da cultura indígena proteger a floresta. Comecei a ver nessa postulação que os povos indígenas têm que ser protegidos porque eles protegem a floresta, um certo utilitarismo. “Então, vamos preservar os povos indígenas lá, porque eles vão proteger a floresta. E a floresta guarda carbono, e o carbono é importante para o clima da Terra não degradingolar.” Não que isso não exista, não que isso não seja importante. Mas queria colocar o valor, a beleza, a preciosidade dessa cultura capaz de nos tocar no coração. Que é capaz de nos transmitir cognição, conhecimento, sabedoria. Fala com a boca, mas sai do coração e toca no coração de quem escuta – pelo menos para quem o coração ainda não virou uma pedra. Para quem ainda cultiva o coração e sente essa conexão, ela facilita demais o processo de civilização global. Isso sim. Essa reconexão não pode ser feita com a ciência. A ciência já fez muito, e tem muito a fazer, mas ela tem um problema, que é uma frase famosa atribuída a Einstein: você não pode resolver um problema usando o mesmo pensamento que gerou o problema.

A ciência e a tecnologia por fatiarem a realidade, fatiarem a compreensão em tirinhas tão finas que você já não consegue ligar uma com a outra, são um caos completo. É uma cacofonia de diferentes versões e formas. Individualmente, cada uma com um valor. Mas hoje precisamos de união, precisamos fazer o que o coração faz: unir todas as células. Precisamos unir todos os seres e todas as mentes em uma direção que seja coerente. A ciência não sabe como ensinar, porque ela já é fruto de uma fragmentação. Ela sabe como trabalhar os pequenos pedaços, mas não sabe como ensinar. Passo a palavra para o Ailton dar um arremate nessa história. Acho que é uma história que vale a pena todos embarcarmos com muito coração.

AILTON KRENAK: Que ótimo você lembrar dos guarda-parques. Uma das visões mais generosas que o final dos anos 80, 90, digamos que foi quando o socioambientalismo se expandiu como consciência mais global com a ideia das florestas, das florestas tropicais. Aquele cinturão de florestas tropicais no planeta teve também um grande divulgador que foi o José Lutzenberger, que coincidiu ser o nosso primeiro Secretário Nacional de Meio-ambiente no final da década de 80, 90. Ele era uma pessoa generosa que chamava muito a atenção dos conservadores, sobretudo do pessoal da indústria, para a importância do modo indígena de ficar na floresta. Naquela época, os Yanomami estavam sendo detonados pela mineração. O próprio governo brasileiro tinha uma visão muito ruim dos Yanomami. Foi quando botaram uns quartéis militares dizendo que o exército precisava evitar que os Yanomami fizessem besteira. Então, o Lutz dizia “O modo deles estarem na floresta é o melhor que poderíamos ter. Deveríamos considerá-los como jardineiros da floresta.” Essa ideia poética, é bonita, é generosa. Quando a Marina Silva foi Ministra do Meio-ambiente, de certo modo ela provocou esse mesmo sentido. “Os povos da floresta são os jardineiros da floresta.” Essa é uma maneira de fazer contato com gente que é muito cabeça-dura, e que acha que as pessoas que vivem na floresta estão lá atrapalhando-a, ou melhor, atrapalhando alguém entrar na floresta. Nós somos o Lobo Mau. E esse Lobo Mau tem vários sentidos. Um dos sentidos desse Lobo Mau é que ele atrapalha a mineração entrar na floresta. A mineração tem medo de

entrar em uma floresta com índios lá. Tira o índio. Mais tarde nossos amigos na Europa também – principalmente a rede que articulou na Europa uma coisa chamada Gaia Foundation –, eles alertaram para a importância dos serviços ambientais que os povos originários prestavam à humanidade. E exploraram também esse lado cultural, dizendo “Gente, eles são jardineiros da floresta.” A aceitação dos povos da floresta no meio socioambiental foi justificada por um serviço. Até hoje observo essa tendência, e lido com ela com paciência, esperando que as pessoas devagar entendam que não é sobre ser útil, utilitário.

Quando nos esquecemos do nosso corpo-mãe, é porque este já se esqueceu do seu corpo-Gaia. Quando esse corpo-mãe que você evoca de uma maneira compreensível até para uma criança, o intelecto esquece do corpo-mãe. E fica funcionando como se fosse um robzinho. É esse robzinho que está pousando em Marte. Ele quer ir pra Marte. Porque ele não precisa de corpo, ele é só um intelecto, um HD. Que essa harmonização entre intelecto e coração possa fazer aquele robzinho que está pousando em Marte, se lembrar de que somos Gaia, somos Terra.

ANTONIO NOBRE é cientista e ativista. Seu foco principal de estudo é a Amazônia. Já foi pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) e atualmente é pesquisador sênior do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). Ele participou do Selvagem ciclo em 2019.

AILTON KRENAK é um pensador, ambientalista e uma das principais vozes do saber indígena. Criou, juntamente com a Dantes Editora, o Selvagem – ciclo de estudos sobre a vida. Vive na aldeia Krenak, nas margens do rio Doce, em Minas Gerais. É autor dos livros *Ideias para Adiar o Fim do Mundo* e *A Vida Não é Útil* (Companhia das Letras, 2019 e 2020).

AGRADECIMENTOS

Instituto Clima e Sociedade
Conservação Internacional Brasil
Flourishing Diversity
Invisible Dust
Carolina Comandulli

A edição deste caderno contou com as especiais colaborações de Victoria Mouawad, que fez a transcrição da fala, e de Christine Keller, revisora do texto. O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem.

Mais informações em selvagemciclo.com.br

Muito obrigada ;)

Redatora, tradutora e escritora, **VICTORIA MOUAWAD** é uma paulistana com um pé no Rio de Janeiro. Formada em Administração de Empresas pela FGV-SP, a paixão pelas letras que traz consigo desde a infância se manteve viva em seu interior. Em 2020, traduziu com Madeleine Deschamps o livro *Metamorfoses*, publicado pela Dantes Editora. Atualmente, é aluna da formação para tradutores literários da Casa Guilherme de Almeida.

Paulista radicada há 20 anos no Rio de Janeiro, a jornalista **CHRISTINE KELLER** coordenou por 15 anos departamentos de Comunicação e Marketing de Ongs. Também trabalhou com Rádio, produção de shows, de TV e foi repórter e redatora de revistas. Estuda Marketing Digital, Gestão Ambiental e Terapias Holísticas. Fala inglês e espanhol e quer aprender yorubá e tupi-guarani. Sonha em conhecer e passar um tempo na floresta e no Pantanal.

Cadernos SELVAGEM
publicação digital da
Dantes Editora
Biosfera, 2021

